



ARTEVÍRUS (COVID-19) EM CONTEXTOS DE FRONTEIRAS DIVERSAS: a pandemia em movimento da China à Mato Grosso do Sul (Brasil)¹

ARTEVIRUS (COVID-19) IN CONTEXTS OF DIFFERENT BORDERS: the pandemic moving from China to Mato Grosso do Sul (Brazil)

ARTEVIRUS (COVID-19) EN DIFERENTES CONTEXTOS FRONTERIZOS: la pandemia en movimiento de China a Mato Grosso do Sul (Brasil)

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²

RESUMO: A situação pandêmica causada pela COVID-19 que teve o início em Wuhan, na China, no outro lado do mundo, não é diferente, a situação é de pandemia, alertaram as entidades, chegou também a lugares desconhecidos até no Brasil. Cidades, das mais improváveis, vêm à tona nas manchetes de telejornais diariamente. A questão a partir deste cenário trágico neste trabalho é “ilustrar”, ainda que esse não seja o melhor termo, como a arte tem lidado com os vírus em

¹ Este trabalho está vinculado a um Projeto de Pesquisa maior em desenvolvimento como Estágio de Pós-doutoramento cadastrado na PROPP/UFMS, intitulado “**Arte, Cultura e História da Arte Latinas na Frontera:** “Paisagens”, Silêncios e Apagamentos em Cena nas “Práticas Culturais” Sul-Mato-Grossenses”, e ao Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – CNPq/UEMS. Ambos estão vinculados ao Projeto de Pesquisa cadastrado na PROPP/UEMS intitulado “**Arte e Cultura na Frontera:** “Paisagens” Artísticas em Cena nas “Práticas Culturais” Sul-Mato-Grossenses”.

² Marcos Antônio Bessa-Oliveira é professor da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Artes Cênicas, Dança e Teatro e no PROFEDUC. É líder do Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas (UEMS/CNPq); é membro dos Grupos de Pesquisa NECC e do Grupo de Pesquisa Estudos Visuais (UNICAMP/CNPq). ORCID iD – <http://orcid.org/0000-0002-4783-7903>. Email: marcosbessa2001@gmail.com.

situações controversas: isolamento e internacionalização; local e global. Pois, ainda que em contextos de fronteiras múltiplas, a COVID-19 é uma real situação nas culturas, todas, contemporâneas. Movimentando *na/da/em/entre* fronteiras (crítica, teórica, histórica, artística e pedagógica), por uma perspectiva epistêmica descolonial, quero tratar das relações entre “acontecimentos” e as artes em conjunturas diversas.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; COVID-19; Despolíticas; Local; Global.

ABSTRACT: The pandemic situation caused by COVID-19 that began in Wuhan, China, on the other side of the world, is no different, the situation is pandemic, the entities warned, it has also reached unknown places even in Brazil. Cities, the most unlikely, surface in the headlines of daily news. The issue from this tragic scenario in this work is “to illustrate”, even if this is not the best term, as art has dealt with viruses in controversial situations: isolation and internationalization; local and global. For, although in contexts of multiple borders, COVID-19 is a real situation in cultures, all contemporary. Moving in/from/in/between borders (critical, theoretical, historical, artistic and pedagogical), through a decolonial epistemic perspective, I want to deal with the relations between “events” and the arts in different conjunctures.

KEYWORDS: Art; COVID-19; Dispolitics; Location; Global.

126

RESUMEN: La situación de la pandemia causada por COVID-19 que comenzó en Wuhan, China, al otro lado del mundo, no es diferente, la situación es pandemia, advirtieron las entidades, también ha llegado a lugares desconocidos incluso en Brasil. Las ciudades, las más improbables, aparecen en los titulares de las noticias diarias. La cuestión de este escenario trágico en esta obra es “ilustrar”, aunque este no sea el mejor término, cómo el arte ha tratado los virus en situaciones controvertidas: aislamiento e internacionalización; local y global. Porque, aunque en contextos de múltiples fronteras, COVID-19 es una situación real en las culturas, todas contemporâneas. Moviéndome dentro/desde/a través de las fronteras (crítica, teórica, histórica, artística y pedagógica), a través de una perspectiva epistémica decolonial, quiero abordar las relaciones entre los “eventos” y las artes en diferentes contextos.

PALABRAS CLAVE: Arte; COVID-19; Depolítico; Local; Global.

INTRODUÇÃO – Assuntos Gerais de Artes e de Vírus

A pandemia da COVID-19 é, no cenário contemporâneo global atual, o acontecimento que tem dado matéria para todos os seguimentos das sociedades.

Acerca do conceito de acontecimento, quero discutir a ideia de fatores que levam à abertura de uma fissura incicatrizável nas culturas. Mas, para contemplar a ideia que pretendo neste trabalho, me valho de leituras sobre o conceito que discordo e concordo hoje para evidenciar a pandemia enquanto tal. Discordo porque algumas questões nessas leituras foram colocadas da perspectiva eurocêntrica do acontecimento; concordo porque essas mesmas leituras trazem apontamentos que servem para pensar acontecimentos *outros* – da lógica descolonial como quero – em lugares como a América Latina, mas sem passar por aqueles fatos europeus como mais importantes.

Das políticas de segurança sanitária às políticas econômicas; das políticas de governanças às leis e segurança públicas; do trabalho às relações familiares; do isolamento à internacionalização do vírus; do público e do privado; do ódio e do amor; da educação à tecnologia; da arte aos trabalhos domésticos; entre muitos outros aspectos, contextos e situações inusitados são revelados pela conjuntura real de pandemia. Mas a questão preponderante é que todos, em suas distintas e mais diversas condições, têm que lidar com um acontecimento, inédito e de proporções globais catastróficas tão rápidas e grandes, exclusivamente nas suas circunstâncias específicas locais. E, neste último ponto, interessa saber e dizer que todos, igualmente, têm lidado de modos diferentes e até divergentes com a pandemia.

Quando a situação de pandemia foi deflagrada pela OMS – Organização Mundial da Saúde, criticada por alguns poucos líderes mundiais dados os urgentes agravamentos da situação naquele momento, o que ninguém esperava é que o estrago de vidas humanas fosse ser tão numérico e nominalmente avassaladores. Menos ainda que fosse difundido tão rápido o contágio pelo novo coronavírus – a COVID-19 – no contexto global. O vírus reverberou tão rapidamente que as ondas vindas da China chegaram a lugares que não se pensou serem abatidos pela doença em proporções tão grandes e de formas tão violentas colocando em xeque as políticas, a saúde, a segurança, a educação e outros aspectos das vidas públicas institucionais brasileiras. Infelizmente também o vírus não trouxe luz para esses lugares, mas levou escuridão e muita tristeza e sofrimento para muitas famílias.

A primeira observação/impressão pertinente neste sentido é que a situação de globalização – idas e vindas frenéticas de pessoas e mercadorias entre lugares diferentes do planeta – facilitou a proliferação do contágio pelo vírus com um imediatismo igualmente de proporções agigantadas talvez nunca antes visto. É

curioso que vínhamos, de meados de 2019 para antes, de uma situação em que as fronteiras estavam se fechando por motivos étnico-raciais, ainda que camuflados sob a insígnia de étnico-culturais, no mundo todo. Várias populações quase inteiras migravam em busca de melhores condições de vida e por diferentes necessidades/obrigações. No entanto, após a declaração de pandemia pela doença da COVID-19 viu-se e ainda vê-se que as fronteiras se fecharam e os lugares fecharam-se entre suas próprias fronteiras por razões diversas, ainda que em estado de pandemia. Ora porque se pensou em precaver o resto do mundo, ora porque foi preciso isolar lugares que poderiam se tornar, nesse caso os mesmos lugares que fecharam as fronteiras até meados de 2019 aos indesejados imigrantes das diferenças, os lugares com maior males destruidores do mundo porque se tornaram esses os lugares do foco da doença pela COVID-19.³

De Wuhan na China, cidade que primeiro detectou o vírus, até os óbitos e contágios nos interiores do Brasil, claro que não somente aqui, não percorreram sequer seis meses completos entre as vítimas daquela cidade chinesa até às mais de 71.500 vítimas que hoje (12/07/2020) são computadas no país. (COVID-19, 2020, on-line); (G1, 2020, on-line). Para saber, nos interiores do Mato Grosso do Sul, por exemplo, meu lócus dessas reflexões, têm em cidades variadas altos índices de mortos e doentes e a capital passa por toque de recolher das 20h às 6h por mais de uma semana.

Esses dados, obviamente, ainda que viessem sendo por mim atualizados diariamente durante a redação do trabalho e o seriam atualizados até à sua conclusão, não apresentam a totalidade de vítimas no Brasil da pandemia pela COVID-19 por razões óbvias de datas. Entretanto, é preciso registrar que a atualização do dia – 06/06/2020, a que seria minha última atualização feita antes de submeter uma primeira versão deste trabalho ao 29º Encontro da ANPAP – foi impossibilitada e teve que ser suspensa porque o site “COVID-19 – Painel

128

³ Me pego neste exato momento pensando: e agora, o que está sendo feito das pessoas que por obrigações e imposições múltiplas migravam e que devem continuar precisando fazê-lo? Para onde essas pessoas estão indo? Estão simplesmente morrendo por serem perseguidas em seus países de origem por causa de diferenças religiosas, de gêneros, de classes, de cor de pele, por causa de políticas de repressão? Ou será que também estão entregues à sorte e morrendo pelo acometimento da doença pelo novo coronavírus? Questões que são suscitadas já que o mundo está, de certa forma, com as fronteiras fechadas para si na grande maioria dos lugares.

Coronavírus” do Ministério da Saúde brasileiro, que tinha o ex-Ministro Mandetta mantendo a sanidade à sua frente “(Luiz Henrique Mandetta (foi demitido na quinta-feira (16/04) (SHALDERS, 2020, *online*))” (BESSA-OLIVEIRA, 2020D), que trazia números oficiais confiáveis – como os que foram apresentados aqui que já contavam no dia 05/06/2020 com mais de 34.000 vítimas fatais – apresentou-se com a mensagem de “Portal em manutenção”. (COVID-19, 2020, on-line).

Assim, para uma atualização mais precisa, recomendo agora visitas ao site da OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde ou aos sites de notícias – a exemplo do “G1 - O portal de notícias da Globo” –, ambos com links de acessos nas referências deste trabalho. Mas também oriento aos/às interessados/as a buscarem informações em outros sites de alta confiabilidade para orientarem-se. Pois, diante de declarações do Presidente da República veiculadas no dia 05/06/2020, a “manutenção” do Portal pareceu uma “nova” estratégia da “política econômica da morte e da política do ódio” (BESSA-OLIVEIRA, 2020c) que emanam do Palácio do Planalto em Brasília/DF. Situação agora ainda mais preocupante! Preocupa, haja vista que depois desses fatos, não fosse o *Consórcio de veículos de imprensa* de empresas da mídia brasileira, não saberíamos que os números estão acercados de mais de 71,5 mil vítimas fatais e com quase 2 milhões (1.842.127 casos) de brasileiras e brasileiros acometidos pela COVID-19 no Brasil. (G1, 2020, on-line).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. (OPAS, 2020, on-line).

Não impressiona apenas pela rapidez com que o vírus foi propagado pelos diferentes Continentes no Mundo. Mas, igualmente é assustadora a catástrofe que causa o contato da COVID-19 com as pessoas nos mais diferentes lugares espalhados pelos Continentes. Dos números primeiros impressionantes de infectados e mortos no Oriente asiático, aos números alarmantes de mortos em alguns países do Continente Europeu, até os agora assombrosos números de mortos e infectados nas Américas, a COVID-19 ocupa, nos diferentes contextos geográficos, o primeiro lugar no ranking da lista de acontecimentos extraordinários do século XXI. Por isso também, pela tamanha proporção da emergencial situação de saúde pública mundial, a COVID-19 está evidenciando as

mais diversas e múltiplas situações de trato em relação às políticas públicas, principalmente, com a situação pandêmica.

Fissuras, fronteiras, marcas, rasuras foram abertas diante da situação de pandemia. Mas essas, entretanto, não o são somente nas geografias físicas que divisam lugares – Continentes, Países, Estados e Municípios, bairros ou ruas –, mas estão provocando a emergência de condições precárias, por exemplo, de pessoas, lugares, conhecimentos e até de fazeres artísticos que não eram antes “tão” evidentes por causa das falsas políticas de atendimentos aos diferentes. Logo, de um modo ou de outro, essas aberturas provocadas pela COVID-19 nos diferentes contextos – geográficos e epistemológicos, físicos e subjetivos – têm trazido em proeminência situações múltiplas, para o bem ou para o mal, que antes eram tamponadas pelas políticas públicas que nunca funcionaram.

Há uma questão muito pertinente acerca dessa constatação: a ideia de que as condições de atendimento público à saúde nos diferentes lugares são diferentes. Do mesmo modo, é preciso reconhecer que o acesso ao atendimento privado à saúde não é acessível igualmente e da mesma forma para todos/as os/as cidadãos/ãs dos diferentes lugares no mundo. Mas, de um modo ou de outro, essas questões passam por políticas de Estado da saúde pública. E este é um ponto que será preponderante para as discussões sobre a exposição/propagação da doença pelo novo coronavírus no caso do Brasil. Por conseguinte, essa discussão estará acerbada de políticas e de artes que não se convergiram.

130

DA (DES)CRIAÇÃO DO MUNDO e da arte!

A arte sempre esteve muito intimamente ligada a grandes fatos históricos de lugares distintos para constituição de obras nas diferentes linguagens artísticas. Vê-se na arte a preocupação de retratar os contextos históricos e geográficos específicos, desde os Pré-históricos, por exemplo. A arte, nos diferentes lugares do planeta, também re-tratou temas circunscritos à fatos, eventos, políticas, guerras, economias, entre muitas outras coisas, que viraram temas para nós hoje ilustrados. Pintores, escultores, arquitetos, músicos, desenhistas, atores, dançarinos, e muitos outros artistas, fizeram desses fatos verdadeiros acontecimentos que reverberam ao longo dos tempos para diferentes histórias e lugares espalhados pelo mundo.

Uma curiosidade, neste sentido, é que a arte tratou tanto de temas fictícios quanto fatídicos e, claro, de temas das realidades múltiplas. Mas, igualmente às questões de saúde pública ou privada, de acesso ou a falta dele, a arte tratou de fatos baseados também em políticas. Entretanto, e mais intimamente, fatos ligados às políticas públicas e privadas, muitas vezes, de acordo com a situação na qual cada uma prevalecia/prevalece nos diferentes contextos em que a arte atua. Essa é outra questão que faz evidenciar uma argumentação da arte enquanto registro de histórias: se global ou locais? Em uma primeira impressão desses como fatos histórico-temporais e geográficos específicos, até é possível compreendê-los como naturais. Entretanto, se pensarmos esses fatos como acontecimentos em esferas maiores desencadeados por ações humanas, precisamos, a meu ver, de um pouco mais de aprofundamentos investigativos.

Nesse sentido, a reflexão de Martin Heidegger (Nascido em 26 de setembro de 1889, em Meßkirch, na Alemanha e tendo falecido em 26 de maio de 1976 em Freiburg, Alemanha), acerca do acontecimento (2005), vai me ser útil até certa medida como antes sinalizado. Porque agora (séc. XXI) podemos entender diferente do que ali fora pensado pelo filósofo: que *o que acontece não é bom nem mal, simplesmente acontece*. Pois, vou preferir argumentar que o acontecimento é, da ótica que quero contemplada neste trabalho, desencadeado por questão de ordem política que faz com que o acontecimento seja levado a constituir-se por uma série de fatores (im)postos e não naturais.

Por exemplo, hoje, na contemporaneidade, os acontecimentos dão-se por vias de políticas, especialmente, públicas de desgovernança, mas não somente. Porque também envolvem as “políticas das amizades” (DERRIDA, 2003) – que são “despolíticas” (BESSA-OLIVEIRA, 2020c) – e que se dão, de modo político também na ordem do privado, mas ainda não exclusivamente, pois estão igualmente situadas em ordens institucional-públicas. Quero dizer, por exemplo, uma guerra é levada a acontecer por uma série de coisas políticas que não podem ser tomadas como fatos corriqueiros.

Outro ponto esclarecedor, a atual situação da Secretaria Especial da Cultura e da Fundação Cultural Palmares e ainda do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), apenas para título de ilustração da questão, na situação do Governo Bolsonaro, apresentam-se, nas melhores das hipóteses, desgovernados. Pois, ambos, entre outros órgãos de fomento à cultura, à saúde, à educação e ao meio ambiente, igualmente ligados à segurança pública, por

exemplo, também estão sob os mandos e sem desmandos de “autoridades” políticas competentes que governam sob a deslegitimação das classes às quais esses organismos deveriam estar ligados. Logo, “amigos do presidente” defendem, grosso modo, que *sempre existiu de repressão na arte, que a escravidão foi benéfica ao país* ou que *um cocô de índio não deve ser patrimônio histórico*, entre muitas outras falácias que decretam o fim das próprias instituições culturais brasileiras.

Por tudo isso, a arte tem como assunto, faz muito tempo, fatos ligados a vírus de diferentes doenças. Mas, como acontecimento global ocorrido em situações diversas e de modos adversos nos locais, levado a acontecer por questões múltiplas, é a primeira vez que um vírus ocupa lugar central como acontecimento também nos múltiplos suportes artísticos diferentes em contextos geográficos divergentes, mas, ainda pior, com resultados trágicos iguais. Os números e nomes de vítimas fatais e acometidos pela doença da COVID-19 no mundo aumentam o tempo todo. Esses, por sua vez, acabam por contribuir com o crescimento desordenado de uma série de outras coisas vinculadas.

As políticas e despolíticas – públicas e privadas – aumentam o tempo todo. Os lugares afetados aumentam o tempo todo também. Os suportes artísticos, antes tradicionais, ampliam-se cada vez mais para os suportes alternativos inéditos. (BESSA-OLIVEIRA, 2020a). Logo, o fato antes isolado em Wuhan, na China, virou acontecimento desencadeado por fatores diversos no resto do planeta todo. Assim, de pintores para grafiteiros e artistas das ruas, dos grandes concertos artísticos internacionais às *lives* sertanejas, do público importante para o privado antes desinteressante, o vírus pandêmico como acontecimento alterou o movimento do mundo da China às Américas em tempo recorde. Nem as fronteiras estabelecidas, menos ainda as fronteiras naturais deram conta de barrar a circulação do novo coronavírus.

O cenário é tão inédito para todos e todas que às vezes nos vemos de ponta a cabeça. Um rearranjo das situações artísticas, por exemplo, mas não somente, teve que ser empreendido. Eu, por exemplo, poderia estar pintando, desenhando, bem ou mal, mas poderia ser o meu momento de dedicação ao trabalho artístico sempre deixado em terceiro ou quarto planos. Mas, considerando o lugar que ocupo academicamente falando, professor universitário, a produção e o trabalho intelectual docente e o trabalho administrativo, já que estou em situação de coordenador de curso, têm impedido o desenvolvimento daquela produção que

mais poderia, agora, me dar conforto psicológico. Neste sentido, é curioso observar o enorme e ainda crescentes números e temas das *lives*, o agigantamento de acessos e diferentes tipos das chamadas redes sociais. E, igualmente, o quão acabamos sendo obrigados a vincularmo-nos às tecnologias para “sobreviver” à pandemia: no trabalho (artístico, teórico e pedagógico) em relação à arte, por exemplo, o que tenho nominado de tecnocolonialidade (BESSA-OLIVEIRA, 2020; 2020d) é a bola da vez em todos os sentidos.

MOVIMENTOS ENTRE FRONTEIRAS de Artes e de Vírus

A pandemia é hoje um fato concreto! Diuturnamente os jornais, impressos e televisivos, as rádios e a internet noticiam, o tempo todo, os alarmantes números e às vezes nomes das vítimas fatais, das que estão sob cuidados médicos, quando o conseguem, e das que não têm nenhum acesso a tratamento médico. E também esses vários suportes noticiários mostram as pessoas que foram, quase por milagres, que se tornam esperançosas, recuperadas dos impactos da doença do planeta no momento: a COVID-19. Muitas vidas foram e são destratadas como vidas humanas. Enterrados como pessoas des-conhecidas, até mesmo pelos seus familiares que não podem sequer abrir os caixões, muitos cidadãos e cidadãs acabaram sendo numeráveis ao invés de nomináveis.

Entretanto, “não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa” (INUMERÁVEIS, 2020, on-line). Por meio deste enunciado, gostaria de leva-los a perceber que certas coisas que acontecem não estão simplesmente predestinadas a acontecerem. Certos acontecimentos são levados a serem materializados! Assim, é possível dizer que algumas coisas são até mesmo predeterminadas levando em consideração as ações antecedentes a alguns desses acontecimentos. De modo igual, por exemplo, são os acontecimentos que são noticiados sobre o meio ambiente brasileiro: nada tem se queimado sozinho ou o ouro tem saído sozinho de debaixo das terras Amazônicas!

Nesse sentido, também como uma criação artística, o site *INUMERÁVEIS* “é um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do novo coronavírus no Brasil.” (2020, on-line). “É uma obra do artista Edson Pavoni em colaboração com Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani, Jonathan Querubina e os jornalistas e voluntários que continuamente adicionam histórias à este memorial.” (2020, on-

line). É um projeto que tem se preocupado em dar vida *pós-morte* às pessoas que “Em 2020, [sentiram que] o mundo vem sendo duramente atingido pelo coronavírus. Como em todas as pandemias, pessoas tornaram-se números. Estatísticas são necessárias. Mas palavras também.” (2020, on-line). O Site “trabalha” a fim de dar um conforto às famílias avassaladas pela doença. Nominando, por meio de parte de relatos sobre suas histórias de vidas (*biogeográficas*), pessoas mortas pela COVID-19 que tem no Brasil despolítica de reação.

Não vou fazer a loucura de afirmar que o vírus é comunista e que foi construído em laboratório – que é um “comunavírus” (ARAÚJO, 2020, on-line) – como foi bestializada a constatação de pandemia pelo novo coronavírus pelas autoridades políticas de relações internacionais brasileiras. Mas, contraditório a isso, quero discutir que a “natural” situação pandêmica tem condições político-sociais e econômicas globais – naturalizadas pelos governantes – que levaram à sua proliferação (da COVID-19) imediatamente quase igual nos diferentes lugares do planeta.

Ora uns, lidando melhor com a situação, tiveram perdas, mas em numerários e nomes mais reduzidos. Ora bem poucos, atuando desgovernadamente em relação à pandemia, sofreram e ainda sofrem muito mais com as perdas do que com os ganhos (mortos contra vivos) ao serem acometidos pelo contágio da doença causada pela COVID-19. Quer dizer, apesar de situação de pandemia, as diferenças culturais ainda ressaltam. Mas divergências de políticas, de despolíticas, de natureza, de naturalização, do global, em relação aos locais – de frentes ideológicas divergentes – lideram e impressionam resultados diferentes. Por exemplo:

De palavras de baixo calão a defesas de coisas que deveriam ser indefensáveis por alguém que dirige uma nação das diferenças divergências (como boas) como o Brasil, que não se dá o mínimo pudor de concentrar-se em formular termos e políticas de usos melhores que as que saem de seu canal de fala e do “seu” sistema de governo, vivemos atualmente uma (des)política seguindo a outra em fila indiana que contemplam, no mau sentido, as diferenças culturais e coloniais brasileiras. (BESSA-OLIVEIRA, 2020c, 16).

Assim, nas Américas, seguidos pelo Brasil, os Estados Unidos são o foco da pandemia. E “pelo andar da carruagem” será provisoriamente! Já que desde 1º de janeiro de 2019 uma coisa atrás da outra têm colocado a política do Brasil em situação de divergências constantes, inclusive contra as ações e situações de

avanços das contaminações País afora pela COVID-19. Os Estados Unidos seguem sendo o epicentro da COVID-19 hoje – 12 de julho de 2020 – ocupando as marcas de que no número de vítimas, “quase um quarto do total está concentrado nos Estados Unidos. O país superou os 3 milhões de pessoas infectadas”, e de que “O número de mortes por Covid-19 totalizam 556.335” pessoas (UOLNOTÍCIAS, 2020, on-line) também graças às despolíticas de Donald Trump.

No mesmo sentido, seguindo o caminho do mal estadunidense mais uma vez, “De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a América do Sul se tornou o novo epicentro da pandemia do novo coronavírus.” (PORTALPEBMED, 202, on-line). O que nos leva a concluir que para passar os Estados Unidos em números de vítimas fatais e de adoecidos pode ser uma questão de bem curto espaço de tempo. Pois, como é sabido, apesar de lá não haver saúde pública, a daqui, brasileira, não é 100% confiável graças, claramente, às políticas de saúde pública. Logo, é evidente que desde o surgimento na China do primeiro caso, até agora no Brasil, as ações e situações (de governança e de resultados) em relação à pandemia dão-se de modo claramente diferentes e divergentes nos múltiplos contextos, mas também de modo global e local.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. (OPAS, 2020, on-line).

Do mesmo modo, “Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus.” (OPAS, 2020, on-line). Até então, o coronavírus, ainda que detectado em toda parte, sendo ele a principal causa de resfriados comuns, nas últimas décadas não tinham causado doença tão grave como a COVID-19. Logo, vê-se que desde a confirmação na China do primeiro caso à comunicação de necessário isolamento no Brasil (16 de março de 2020), o intervalo de migração do vírus é inferior a 80 dias. Assim, ainda que fossemos iguais à China, mesmo se considerássemos o que muitos chamam de trabalho escravo (obrigatório) de lá, nunca conseguiríamos ter tempo hábil para a implementação de ações iguais (ou melhores) àquelas desenvolvidas e efetivadas naquele País.

A OMS à frente das informações e dos desesperados pedidos de ajudas e efetividades das ações de combate e controle governamentais, global e

localmente, tem, desde o início, sido alvo de um grupo “seleto” de governantes – curiosamente mais nas Américas – que deslegitimam suas orientações em relação aos remédios e as recomendações de isolamentos sociais. Também, internamente, as políticas brasileiras, quase em geral, da saúde às de relações humanas, têm deixado a desejar e imposto devastações enormes aos Estados e Municípios diferentes.

Logo, parece-me que o despresidente e seus desministros defendem e trabalham por meio de suas políticas econômicas da morte e agora também por uma política do ódio ao diferente, o distanciamento do Brasil dos seus pares na América Latina (UOL, 2020, *online*, às 10h34min/horários de MS). Pois o Brasil ocupa, cada vez mais, o lugar de País *non grato* no Continente Latino-americano graças, também, ao alastramento da contaminação da população brasileira pelo novo coronavírus. Contraditórios a parte, o desgoverno que se quer aproximado, a todo custo, do país da globalização (Estados Unidos), luta contra um suposto “globalismo” ideológico enraizado, aí sim, nas suas mentes ideológicas do mal: é um distanciamento às avessas. Quem entende?! (BESSA-OLIVEIRA, 2020d, 11).

Por esta ótica, de *políticas econômicas da morte ou de políticas do ódio*, torna-se evidente as diferenças com que são tratadas, a meu ver, as problemáticas impostas aos lugares pela doença da COVID-19, ainda que a situação seja de contexto global de pandemia. Haja vista as colocações da OMS, da OPAS, dos e das diferentes Presidentes, Primeiros e Primeiras Ministrxs, de Reis e de Rainhas, Secretários e Secretárias de Saúde de diferentes lugares do mundo, no Brasil ainda impera um mau fazer em relação às ações e situações em relação à pandemia. O Brasil enfrentou uma série de debates desnecessários porque o Governo Federal desconsiderou a necessidade de isolamento, enquanto Governadores e Prefeitos, de vários Estados e Municípios, primaram por preservar vidas em contracenso as situações economias.

Imediatamente, o contexto de globalização, sempre muito defendido e amplamente ressaltado por muitos, igualmente a lógica de universalização comercial ou a transladação de fronteiras são, na verdade, discursos de políticas internacionais comerciais, exclusivamente, ou então políticas de desgovernanças particulares: no caso do Brasil, evidentemente, contra tudo e todos inclusive dentro do próprio território do País. Do mesmo jeito, se muitos deram certo no tratamento em relação à COVID-19 – porque agiram rapidamente sob as orientações da OMS perderam menos vidas – no Brasil preferiu-se agir diferente. A falta de políticas públicas do Governo Federal, receitando tratamentos à base de

“cloroquina” ou de “tubaína”, fez o número chegar aonde chegamos muito facilmente.

É muito evidente, no caso do Brasil, dos Estados Unidos e de alguns poucos países até na Europa oriental, propriamente dita, a discordância dos seus discursos e atitudes em relação à COVID-19 e o resto do mundo. Mas, é evidente, não tem se demonstrado diferente nas mídias, a desgraça causada pela doença em relação aos números e nomes alarmantes de mortos e enfermos mais nesses lugares. No caso do Brasil, mais uma vez, a questão se desconcentra em âmbitos governamentais: do Federal para os Estaduais e Municipais. O primeiro defende o *desisolamento social*, rompendo, no mau sentido, as fronteiras necessárias para o controle e até erradicação da doença pelo novo coronavírus. (BESSA-OLIVEIRA, 2020a). Mas, ao mesmo tempo, impõe fronteiras de vários aspectos – retomando os padrões modernos (séc. XVI) mais tradicionais de raça, gênero e classe, línguas, religião, mas contra até a noção de ciência – a fim de privilegiar a economia que pode matar em vantagem sobre a preservação das vidas. Enquanto nos Estados e Municípios as batalhas são enormes, na grande maioria deles, pela vida em sobreposição ao trabalho.

A tradicional insistência genocida do desgovernante em privilegiar a política da economia da morte em contrário à política pela vida desses corpos mortos, continua acontecendo na ameaça de troca do seu corpo de também despolíticos, só tenho a debochar desses *bolsominions* que acreditaram um dia nesse “falso messias” pela opção de fazer parte do conluio, avisando que todos têm obrigação de concordar com suas políticas, a econômica da morte e a do ódio, sobre os corpos já mortos e têm que ter obediência ao seus comandos para poder continuar matando, seja com “cloroquina”, seja com “Tubaína”. (BESSA-OLIVEIRA, 2020d, 13).

A meu ver, estabelece-se aí, nas relações entre o governo brasileiro e os Estados Unidos e o governante do Brasil e os Governadores e Prefeitos, políticas contraditórias. Na primeira relação esta lógica política estaria ancorada na velha “política da amizade” fartamente tratada por Jacques Derrida. “A fratriarquia pode *compreender* os primos e as irmãs, mas vê-lo-emos, compreender pode também querer dizer neutralizar”. (2003, 11).

Contraditoriamente, no caso das relações Brasil e Estados Unidos, o Presidente americano insiste em manter distância do Brasil coronado, enquanto o Presidente brasileiro continua imitando as primeiras atitudes do desgovernante americano que fez daquele País hoje o epicentro dos casos de COVID-19. Já no caso da segundo relação, do despresidente brasileiro e Governadores e Prefeitos, o

primeiro quer distanciar-se dos Estados e Municípios, a qualquer custo, porque esses lutam pela preservação da vida enquanto o Governo Federal desconsidera inclusive a necessária direção especializada no Ministério da Saúde. Ainda que no caso dos Estados e Municípios uma grande maioria hoje está sendo empurrada e obrigada a abrir mão de ações contra a preservação das vidas em prol das economias locais que não têm apoios financeiros federais.

Logo, é evidente que se trata de uma relação política de amizade baseada na lógica de impressão do outro do que queremos dele, nunca do outro ser o que esse o é. Ou, de modo mais claro, a política da amizade está para a recompensa recebida e o endosso garantido do que se quer como discurso defendido. Logo, seja esse discurso, para o bem ou para o mal, um discurso pela vida ou até mesmo de morte. Nesse sentido, ainda, é importante dizer que o líder brasileiro pensa achar, no líder estadunidense, “ombro amigo” das suas demandas. Quando, na verdade, da minha ótica, achar-se-á, no máximo, capital estrangeiro quando precisar, mas se puder demonstrar que pode pagar. Faz-se, entre Governo Federal e Estados Unidos, Governo Federal e Estados e Municípios, um pacto de morte e um despacto às vidas, respectivamente.

Um discurso pela vida ou até mesmo de morte, ainda que para o bem ou para o mal, como um discurso tem, primeiro, a ver com a lógica do arquivo e da memória tratados por Jacques Derrida debatida no livro *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001). Ali, grosso modo, o autor discorre sobre a propriedade de ambos, da consignação das memórias e dos arquivos, e, entre outras coisas relacionadas, que estariam ligadas pela manutenção e esquecimento de arquivos e memórias. Mas, entretanto, para esta constatação que faço, a partir das relações políticas aqui estabelecidas, estou me valendo da relação mais primitiva de arquivo e memória tratados de modo acumulativos e *arquiviolíticos do mal*: guardados. Estou argumentando acerca de um arquivo vivo que se quer morto!

Do mesmo jeito, portanto, contrária a esta política de amizade fraternal entre o Brasil e os Estados Unidos – desgraçada dentre seus líderes – estaria uma política de relação abalada entre o Governo Federal e os Estados e Municípios. Primeiro porque esses últimos tiveram, graças ao STF – Supremo Tribunal Federal, em 15 de abril do corrente ano, uma decisão favorável “que garante autonomia a prefeitos e governadores determinarem medidas para o enfrentamento ao coronavírus” (AGÊNCIA SENADO, 2020, on-line).

A ação de isolarem-se foi vista como afronta pela “Medida Provisória 926/2020, editada pelo presidente Jair Bolsonaro, por meio da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 6.341” (AGÊNCIA SENADO, 2020, on-line), derrubada pelo STF, que contribuiu com que governadores e prefeitos fossem tornados *personae non gratae* pelo Governo Federal pelo simples fato de estarem querendo preservar vidas ao invés de empregos. Então, “E perguntar-nos-emos também *quem* diz aqui o direito. E *quem* funda o direito como direito à vida.” (DERRIDA, 2003, 13).

Ainda mais recentemente, 05 de maio de 2020, o Governo Federal, por meio de declarações de Carlos Wizard, que assumiria a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, lançou mais uma pedra contra governadores e prefeitos que são contra o posicionamento de *desisolamento* creditado pelo Presidente da República. “À coluna da jornalista Bela Megale, no GLOBO, ele disse que o Ministério da Saúde vai recontar o número de mortos no Brasil por Covid-19. Segundo ele, os dados atuais seriam “fantasiosos ou manipulados””. (ALMEIDA, 2020, on-line). Imediatamente, O CONASS – Conselho Nacional de Secretários de Saúde, por meio de nota assinada pelo seu presidente, Alberto Beltrame, repudiou a declaração do possível secretário afirmando que “Ao afirmar que Secretários de Saúde falseiam dados sobre óbitos decorrentes da Covid-19 em busca de mais “orçamento”, o secretário, além de revelar sua profunda ignorância sobre o tema, insulta a memória de todas aquelas vítimas indefesas desta terrível pandemia e suas famílias. A tentativa autoritária, insensível, desumana e antiética de dar invisibilidade aos mortos pela Covid-19, não prosperará.” (BELTRAME, 2020, on-line). E não o prosperou, Wizard e o Governo Federal recuaram e o primeiro não assumiu a Secretaria.

Perguntamo-nos *quem* dá ou impõe o direito a todas estas distinções, a todas estas prevenções e a todas as sanções que elas autorizam. Será um vivente? Um vivente puramente e simplesmente vivente, precisamente vivente? Um presente vivo? Qual? Deus? O homem? Qual homem? Por quem e quem? O amigo ou o inimigo de *quem*? (DERRIDA, 2003, 13).

A quem, portanto, caberia ao direito de decidir o direito à vida ou à morte de outrem? Daí, em vias de isso ser uma questão importantíssima, *a quem cabe, em última instância*, disse Jacques Derrida em outro contexto acerca do arquivo (2001), definir como lidar ou como não ter que lidar com os corpos mortos e os que podem vir a morrer acometidos pela doença da COVID-19 – como mostra o trabalho artístico da figura 1 do artista italiano aleXsandro Palombo que sugere

que “Fique em casa, ninguém está imune ao coronavírus” – se esta pandemia não for considerada um fato natural da história humana?

Natural, por certo, seriam aquelas ações/situações antes ressaltadas que acontecem, *nem bom nem mal, simplesmente* acontecem, pois, estariam escritas na história por uma noção de acontecimentos imprevisíveis. Quero dizer com isso que a pandemia está, a meu ver, sendo um acontecimento por via de provocações que “lhes” foram feitas, factíveis elaboradamente. Desde que fizeram das políticas armas de controles, a partir do momento em que o homem se sentiu no controle de tudo e de todos, acontecimentos dessa magnitude poder-se-ão tornar, aí sim, naturalizados. E, como se vê na imagem (figura 1), para qualquer um!



Figura 1. aleXsandro Palombo, retrato do líder brasileiro segurando um cartaz (“Fique em casa, ninguém está imune ao coronavírus.”), 2020. Montagem em Fotografia, s/t. Fonte: MS Notícias. (apud SARAIVA, 2020, on-line).

Nesse sentido, como também foi advertido antes, estou me colocando contrário ao pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger construído no entremeio dos séculos XIX e XX. Um pensamento que está enraizado na noção de *Ser e tempo* ontologicamente constituídos. Do mesmo jeito, pensando a partir de

agora, em pleno século XXI acometido por um acontecimento, para mim totalmente provocado, ainda que não seja em laboratório como defende as ideologias bestializadas, mas por políticas de desgovernanças e globalização descontroladas. A manutenção desse pensamento heideggeriano na atualidade prevalece sobre a mesma lógica de ser e tempo ontológicos, mas igualmente reforçando a ontologia do ser e do tempo atribuídos para alguns e épocas específicas de lugares particulares no planeta.

Obviamente, tendo em vista o lugar epistemológico que constitui a minha discussão, de um lugar ocupado por um sujeito que aprende e apreende na diferença – um lugar ex-posto à exterioridade do pensamento moderno europeu edificado no século XVI –, *na/da/em/entre* fronteiras (crítica, teórica, histórica, artística e pedagógica) do Mato Grosso do Sul no Brasil; minha construção é “sociogenética” (FANON, *apud* MIGNOLO, 2017). Uma construção, por exemplo, que só não vivência a experiência da COVID-19 no próprio corpo porque tenho cumprido à risca o distanciamento e isolamento necessários desde o dia 17 de março de 2020.

Por certo, evidencio minha colocação contraditória à de ser, tempo e geografia construídos ontologicamente por uma perspectiva descolonial *biogeográfica* fronteira (BESSA-OLIVEIRA, 2019) para compreender, por exemplo, que a pandemia da COVID-19 é uma construção contrária às políticas contemporâneas de globalização, comércio, imigração obrigatória de povos não-europeus, fechamentos de fronteiras entre países “primeiro-mundistas” e o “resto do mundo” e, igualmente de racismo, de xenofobia, de homofobia, feminicídio, intolerâncias religiosas, entre muitas outras coisas porque não estão inscritos na ontologia naturalizante que construiu como padrão os modelos de raça, gênero, classe, igualmente de línguas, religião, de ciência, de corpo, de sexo e de trabalho como únicas alternativas de se viver a vida.

Logo, a ontologia de Martin Heidegger centra-se no corpo masculino, branco de classe alta. Do mesmo modo, fálico, machista, preconceituoso às diferenças em relação ao suposto *outro*, histórias locais e lugares das exterioridades (fronteiras). Diferenças essas que, por má sorte, têm vivido nos próprios corpos-mortos a experiência da COVID-19 porque são descartáveis aos olhos da construção ontológica de ser e tempo.

Como funcionam? Suponhamos que pertence à categoria de *anthropos*, ou seja, o que na maioria dos debates contemporâneas sobre a alteridade corresponde a

categoria de “outro”. O “outro”, entretanto, não existe ontologicamente. É uma invenção discursiva. Quem inventou o “outro” senão o “mesmo” no processo de construir-se a si mesmo? (MIGNOLO, 2017, 18).

Desse modo, não existiria como afirmado pelo filósofo um *signal de...* que “[...] pode ser formalizado e transformado numa *espécie de relação universal* (HEIDEGGER, 2005, 120), por exemplo, para a explicação de pandemia. Mas, se se pensar que o sinal foi uma construção despolítica desde a relação exposta no contato entre as diferenças, asiáticas e ameríndias, por exemplo, podemos dizer que o acontecimento foi desencadeado por sinais não vislumbrados/respeitados como possíveis desgraças universais.

A meu ver, a crítica de Heidegger aponta todo humanismo como metafísico, desde o grego ao contemporâneo, passando pelo cristão. Mas podemos ainda fazer reservas a ele. Sobretudo no que concerne ao tema da historicidade. Se a historicidade se desprende de toda cronologia e passa a ser vista como a Historicidade do Ser, um acontecimento epocal, então este acontecimento não pode ser mensurável por nenhuma valoração. O que acontece não é bom nem mal, simplesmente acontece: assim foi com o tempo grego, com a técnica moderna etc... Então, um acontecimento como o nacional-socialismo, que por muitos, muitos mesmo, foi visto como o porvir de uma época, pode ser de tal modo privado de valoração? Mais uma questão para mantermos em mente. (HADDOCK-LOBO, *apud* IHU On-Line, 2006, 37).

Se ainda em pleno século XXI continuarmos crentes na ideia de que o mundo é constituído por ser, tempo e geografia ontologicamente, se emprendermos a pandemia como fato ocorível, não premeditado, insistiremos na manutenção de padrões construídos alheios aos milhares de centenas de lugares (fronteiras) das diferenças. Logo, as produções que emergenciam das inúmeras fronteiras latinas, por exemplo, mas também discursivas, políticas, de ética, de direitos, de arte, de cultura e de educação, para delimitar os pontos, acabam por ser desconsideradas porque simplesmente não têm histórias e geografias privilegiadas pelo padrão.

Quer dizer, por exemplo, “As pessoas da Bolívia, Gana e Oriente Médio ou China não são ontologicamente inferiores, posto que não há uma maneira de determinar empiricamente tal classificação”. (MIGNOLO, 2017, 18). Mas, na contramão dessa conclusão, para o pensamento moderno ocidental, há um padrão de classificação euro-norte-americano que desqualifica, inclusive, a existência desses sujeitos *biogeográficos* como gentes. Do mesmo modo, suas práticas artístico-culturais, suas culturas e seus conhecimentos não existem porque não

fazem parte da narrativa ontológica construída, por exemplo, por pensamentos como o de Heidegger.

Em última instância não importa tanto o que é, mas o que as pessoas que dialogam a favor ou contra entendem que é. O que importa é a enunciação, não tanto o enunciado. Quando esteve já estabelecido o conceito de “pós-modernidade”, uma série de conceitos complementares vieram à luz, aplicados a histórias coloniais locais: modernidades periféricas, alternativas ou subalternas, rupturas epistêmicas e mudanças paradigmáticas. Em primeiro lugar, a modernidade não é um desdobramento ontológico da história, mas a narrativa hegemônica da civilização ocidental. Assim que não há nenhuma necessidade de ser moderno. Ou melhor dizendo, é urgente desprender-se do devaneio segundo o qual se está fora da história se não se é moderno. (MIGNOLO, 2017, 25).



Figura 2. Artista palestino finaliza um mural com a frase: ‘Combatendo a epidemia, nós protegemos o ser humano e preservamos a Terra’, em Rafah, no sul da Faixa de Gaza, 2020.

Fotografia, s/t. Foto: Mohammed Abed/AFP. (TITO, 2020, on-line).

Assim, hoje temos a arte também obrigada a tratar do vírus da COVID-19. Um vírus que hoje é arte! Talvez a arte sempre estivesse ligada a assuntos de doenças por vírus de doenças diferentes dessa que vivemos agora. Mas, igual à compreensão que se tem da própria arte, por conseguinte do próprio coronavírus nesta variação da COVID-19, nunca vimos a também “diversalidade” (BESSA-OLIVEIRA, 2019) de modos de compreender arte e vírus (doença) como agora.

(BESSA-OLIVEIRA, 2020a;b). A arte é, de tempos em tempos, enquadrada e desenquadrada nesta ontologia histórico-geográfica construída pelo pensamento moderno. A arte é sempre uma arte moderna para ser moderna.

Até mesmo a arte nominada de contemporânea (ontologicamente construída, neste raciocínio aqui) é moderna – em fragmentos, rupturas e desconstruções daquela – para ser uma arte moderna na atualidade dela. Logo, a arte precisaria, neste momento, estar também vinculada à COVID-19 como fato global, mas mais porque é um acontecimento levado à ocorrência em contextos locais diferentes. Por exemplo, a figura 2 antes mostra que a artevírus da doença causada pela COVID-19 está em lugares nunca antes vistos (a escrita claramente mostra isso) em situações que não fossem as já conhecidas de lugares destruídos por guerras religiosas. Mas, igualmente, na figura 3 vemos que até mesmo Mato Grosso do Sul no Brasil – literalmente espaço de fronteiras – não deixou de ser agredido pelo acontecimento da pandemia.



144

Figura 3. Artista Leonardo Mareco, de 22 anos, conta que, com seus grafites, busca debater questões sociais da sociedade contemporânea, 2020. Fotografia, s/t. Foto: Leonardo Mareco/Arquivo Pessoal. (GODOY, 2020, on-line).

A doença prosperada pelo novo coronavírus não escolheu local de batismo, menos ainda parece escolher corpos de “hibernação” por classificações colonialistas: gênero, raça e classe, línguas, fés e ciência. Pois, da China à Mato Grosso do Sul, o vírus rompeu fronteiras – físicas e epistemológicas –, acometeu gentes em todos os continentes do planeta e não me pareceu fazer seleção também por classificações de colonialidades: cor de peles, sexos, trabalhos, dialetos, saberes populares, artesanatos, entre outras coisas desprendidas da razão moderna, mas presas às solidariedades humanas.

CONSIDERAÇÕES/“ORIENTAÇÕES” – Brevíssimas de Artevírus no Mundo

Espero que um dia a arte venha a ser o vírus que trata as pessoas com qualquer doença – social, cultural, mas igualmente as doenças infectadas por políticas de desgovernanças –, as despolíticas que fazem das pessoas marionetes nas mãos de despolíticos. Do mesmo modo, devemos um grande respeito aos heróis do momento (figura 4) que com grande esforço e dedicação se colocam em riscos para preservar vidas. Como sugere a frase da obra na figura 5 ““Eu quero que você fique em casa””. Ou ainda, se precisar sair, oriente-se pela frase da figura 6 ““Por favor, mantenha distância”” e, como reforça a figura 7, lave as mãos ou use álcool em gel sempre que possível for.

145



Figura 4. Mural faz homenagem a equipes médicas em tempos de pandemia de coronavírus em Varsóvia, na Polônia, 2020. Fotografia, s/t. Foto: Adam Stepien/Agencia Gazeta via Reuters. (TITO, 2020, on-line).



Figura 5. Pôster mostra o Tio Sam de máscara com a frase traduzida do inglês ‘Eu quero que você fique em casa’, alterando a fala usada para recrutar jovens para o Exército americano (‘Eu quero você’), em rua de Barcelona, na Espanha. A obra do artista TVBoy é inspirada nos tempos de quarentena diante da pandemia do coronavírus, 2020. Fotografia, s/t. Foto: Josep Lago/AFP. (TITO, 2020, on-line).

146



Figura 6. Fotos mostram a frase ‘Por favor, mantenha distância’, projetada na instalação intitulada ‘Dortmunder U’, do artista e diretor Adolf Winkelmann, em Dortmund, no oeste da Alemanha. As

imagens voadoras são uma marca da cidade há quase 10 anos, e essas projeções costumam acompanhar temas atuais, 2020. Fotografia, s/t. Foto: Ina Fassbender/AFP. (TITO, 2020, on-line).



Figura 7. Grafiteiros desenhavam mãos se lavando com sabão no muro de uma escola no bairro de Parcelles Assainies, em Dakar, no Senegal, 2020. Fotografia, s/t. Foto: Sylvain Cherkaoui/AP. (TITO, 2020, on-line).

147

Propositalmente aqui foram colocadas imagens de diferentes obras de artistas de diferentes lugares, pessoas que vivem as diferenças de várias maneiras, a fim de mostrar a construção “sociogenética” (FANON, *apud* MIGNOLO, 2017) dos sujeitos das diferenças, contrária a ontologia da igualdade heideggeriana, que assim como o vírus da doença COVID-19 (figura 8) não são inexistentes, ainda que até sejam e pareçam invisíveis/invisibilizados.



Figura 8. Escultura de vidro representando o coronavírus é apresentada no estúdio do artista britânico Luke Jerram, em Bristol, na Inglaterra. Intitulada ‘coronavirus - COVID-19’, a peça de 23 cm de diâmetro representa o vírus em seu tamanho aumentado 1 milhão de vezes e faz tributo ao esforço médico e científico para combater a pandemia, 2020. Fotografia, s/t. Foto: Adrian Dennis/AFP. (TITO, 2020, on-line).

148

Sociogênese é um conceito que permite nos desprender precisamente das regras e conteúdos do ocidentalismo epistêmico, ainda que Fanon escreva em francês imperial/colonial e não em francês crioulo. Ao desprender-se, Fanon se compromete com a desobediência epistêmica. Não há outra maneira de saber, fazer e ser descolonialmente, senão mediante um compromisso com a desobediência epistêmica. (MIGNOLO, 2017, 23).

Por último, a Todas as Vítimas mortas e/ou assassinadas pela situação pandêmica causada pela COVID-19 – por fatalidade ou por desorganização política, respectivamente –, minhas muito sinceras condolências.

Referências

AGÊNCIA SENADO. Decisão do STF sobre isolamento de estados e municípios repercute no Senado. Senado Federal. *Senado notícias*. Anderson Vieira, 16/04/2020, 13h38. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/16/decisao-do-stf-sobre-isolamento-de-estados-e-municipios-repercute-no-senado>. Acesso em: 06 jun. 2020.

ALMEIDA, Amanda. Novo secretário do Ministério da Saúde tenta tornar mortos por Covid-19 invisíveis, dizem secretários estaduais. *O GLOBO*. Sociedade, 06/06/2020 - 11:35. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/novo-secretario-do-ministerio-da-saude-tenta-tornar-mortos-por-covid-19-invisiveis-dizem-secretarios-estaduais-24466547>. Acesso em: 06 jun. 2020.

ARAÚJO, Ernesto. Chegou o Comunavírus. *BLOG Metapolítica 17* – contra o globalismo. 21 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.metapoliticabrasil.com/post/chegou-o-comunav%C3%ADrus>. Acesso em: 26 mai. 2020.

BELTRAME, Alberto. CONASS repudia acusação de manipulação de dados sobre Covid-19. *CONASS – Conselho Nacional de Secretários de Saúde*. 6 jun 2020. Disponível em: <http://www.conass.org.br/conass-repudia-acusacao-de-manipulacao-de-dados-sobre-covid-19/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Educação, Tecnocolonialidade, Docência Remota & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020. (Livro no Prelo).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Artevírus, Arte de Dentro de Casa & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020a. (Livro no Prelo).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020b. (Livro no Prelo).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. (Des)política para *corpos-política* na arte, na cultura e na educação. *Interritórios: Revista de Educação*, v. 6, n. 10, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil, 2020c, p. 1-26. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/244891/0>. Acesso em: 24 mai. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O Corpo e a Geopolítica da Tecnocolonização, Tecnocolonialidade do Corpo na Arte, na Cultura e na Educação! (1ª Parte). *Artigo apresentado no II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas*, na modalidade online, 2020d. Foz do Iguaçu, PR, Online, 22 a 26 de junho, p. 1-21, 2020a. (Texto acervo do autor).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Por uma história e teorização outras da arte latino-americana: debates acerca do pensamento descolonial em arte, In: *ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 250-270. Disponível em:

http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____BESSA-OLIVEIRA_Marcos_Ant%C3%B4nio_250-270.pdf. Acesso em: 30 mai. 2020.

COVID-19 – *Painel Coronavírus*. Atualizado em: 02/06/2020 19:40. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras – Editores S. A., 2003.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Trad. de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

G1 - *O portal de notícias da Globo*. Casos e mortes por coronavírus no Brasil em 12 de julho, segundo consórcio de veículos de imprensa (atualização das 8h). Brasil tem 71,5 mil mortes por coronavírus e mais de 1,8 milhão de infectados. 12/07/2020, 08h00. Atualizado há 2 horas. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/12/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-12-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2020

G1 - *O portal de notícias da Globo*. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

GODOY, João Pedro. Artista faz intervenção urbana para conscientizar pedestres a se prevenirem contra coronavírus em MS. *GIMS*. 27/04/2020, 18h38. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/04/27/artista-faz-intervencao-urbana-para-conscientizar-pedestres-a-se-prevenirem-contracoronavirus-em-ms.ghtml>. Acesso em: 04 jun 2020.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Shcuback. 15ª ed.. Universidade São Francisco, Editora Vozes, 2005.

IHU On-Line. A desconstrução em Heidegger, Lévinas e Derrida. Entrevista com Rafael Haddock-Lobo. *IHU ONLINE*, São Leopoldo, 3 de julho de 2006, p. 33-38. Disponível em: www.unisinos.br/ihu. Acesso em: 04 jun. 2020.

INUMERÁVEIS - *Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil*. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em: 05 mai. 2020.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Trad. de Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia*, v.1, n. 1, Foz do Iguaçu/PR: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, p. 12-32. 2017. Disponível em:

<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 27 mar. 2018.

OMS – Organização Mundial da Saúde. *Painel da Doença de Coronavírus da OMS (COVID-19)*. Última atualização de dados: 2020/7/12, 16:49 CEST. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. *Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid-19&Itemid=875. Acesso em: 03 jun. 2020.

PORTALPEBMED. Covid-19: A América do Sul se tornou o novo epicentro da pandemia?. 04.06.2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/covid-19-a-america-do-sul-se-tornou-o-novo-epicentro-da-pandemia/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SARAIVA, Jacqueline. Artista retrata Bolsonaro em UTI: “Ninguém é imune a coronavírus”. *MS Notícias – ARTE. METRÓPOLES*. 06/04/2020 às 12:07. Disponível em: <https://www.msnoticias.com.br/editorias/geral-ms-noticias/artista-retrata-bolsonaro-em-uti-ninguem-e-imune-a-coronavirus/96888/>. Acesso em: 04 jun. 2020.

SHALDERS, André. Mandetta é demitido do Ministério da Saúde após um mês de conflito com Bolsonaro: relembre os principais choques. *BBC News Brasil*, Brasília, 16 abril 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52316728>. Acesso em: 24 mai. 2020.

TITO, Fábio Tito. Coronavírus: arte reflete impacto mundial da doença; FOTOS. *GI – BEM ESTAR CORONAVÍRUS*. 19/03/2020, 06h00. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/19/coronavirus-arte-reflete-impacto-mundial-da-doenca-fotos.ghtml>. Acesso em: 04 jun. 2020.

UOLNOTÍCIAS. Estados Unidos registram um quarto dos casos de Covid-19 no mundo, diz OMS. 11/07/2020, 17h46. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/07/11/estados-unidos-registram-um-quarto-dos-casos-de-covid-19-no-mundo-diz-oms.htm>. Acesso em: 12 jul. 2020.

Artigo Recebido em: 17 de julho 2021.

Artigo Aprovado em: 05 de dezembro de 2021.